

GUADAGNIM, Rodrigo. Revolução de 32: página nobre da história: confronto terminou com 830 mortos, dos quais 635 eram constitucionalistas; ainda assim, ex-combatentes consideram-se vitoriosos. Correio Popular, Campinas, 09 jul., 2001.

RODRIGO GUADAGNIM
Da Agência Anhangüera

Uma cerimônia cívico-militar em homenagem aos ex-combatentes marca, em Campinas, a solenidade dos 69 anos da Revolução Constitucionalista de 32, comemorada hoje com feriado estadual. O evento tem início às 10h no Mausoléu dos Veteranos da Revolução de 32, no Cemitério da Saudade. Os homenageados, cerca de 30 ex-combatentes, fazem parte da Sociedade dos Veteranos de 32 M.M.D.C. (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo). Representantes da Polícia Militar, autoridades Militares e eclesiásticas também foram convidadas para a homenagem.

A solenidade começa com hasteamento de bandeiras, na sequência os ex-combatentes cumprimentam as autoridades militares presentes e ouvem a execução de músicas do período da revolução, entre elas, *Paris Belfort*, canção que acabou virando uma espécie de hino revolucionário dos constitucionalistas, executadas pela banda da PM.

O presidente da Sociedade dos Veteranos de Campinas, Paulo Barros Camargo, de 85 anos, considera a revolução de 32 como "a maior página da história do Estado de São Paulo, digna de figurar em qualquer história do mundo". Camargo foi um dos mais 200 mil voluntários que se alistaram para o confronto, que durou cerca de dois meses. Ele combateu com 16 anos de idade, época em que prestava serviço militar no

Tiro de Guerra de Limeira. Camargo conta que não disparou nenhum tiro contra o inimigo, mas chegou a ser perseguido pelos "vermelhinhos do Getúlio" – aviões de guerra – quando estava em um comboio que transportava alimentos.

Campinas foi bombardeada várias vezes pelas forças governamentais. Camargo conta a história do escoteiro Aldo Chiorato, que morreu em um bombardeio à Estação da Paulista, enquanto entregava correspondência de guerra.

ADESÃO FEMININA

Para Camargo, a maior lembrança da Revolução é a mobilização do povo paulista. "A revolução começou no dia 9 e cinco dias depois já tínhamos 50 mil voluntários inscritos. No dia 19, as mulheres, que também aderiram ao movimento, já tinham aprontado 10 mil fardas", lembra.

Uma das voluntárias foi a jornalista e cronista do Correio Popular, Célia Farjallat. Ela lembra que, com 14 anos na época, reunia as amigas para tricotar blusas, luvas e gorros para os combatentes. "Sempre tive um entusiasmo muito grande pela revolução. Fiz aquilo que uma boa paulista faria: defendi a legalidade (constituição) e os ideais de São Paulo", resume. Para defender os seus princípios, Célia abriu mão também de bens materiais. "Uma campanha chamada 'Dei Ouro Para o Bem de São Paulo' foi aberta. Os meus pais doaram algumas jóias e eu também resolvi entregar as poucas que tinha", diz.

**200 mil
voluntários se
alistaram para
defender a
constituição**



Membros da Sociedade de Veteranos de 32 celebram a data todos os anos em Campinas



Cartazes convocam a população a pegar nas armas para defender a constituição



Biriba nas trincheiras: combatentes em momento de descontração

LEGIÃO REVOLUCIONÁRIA

O *Sir.2º TE. MAIDEMAR DA SILVA BRAGA*
inscreveu-se na *Legião Revolucionária*
no distrito de *SANT'ANA*

676 do livro n. 7

Horacio Gontier
SECRETARIO GERAL
[Signature]

PELA COMISSÃO DO DISTRITO

7 de Março de 1932



Cédula de membro da Legião Revolucionária: heroísmo registrado